

# “Bêbados, arruaceiros e sovinas”: a Igreja Católica e o imaginário imigrante no início do século XX – Ponta Grossa (PR)

Rosângela Wosiack Zulian<sup>\*</sup>

## Resumo

Neste artigo buscamos compreender a construção dos significados da chegada dos imigrantes à região de Ponta Grossa (PR) a partir dos finais do século XIX e os tensionamentos que se estabeleceram entre poloneses e alemães, os agentes da instituição eclesial, representada pela Sociedade do Verbo Divino, e a população local. Os discursos que produziram evidenciam as percepções e o estranhamento entre universos culturais, ao mesmo tempo distintos e relacionados, e que se polarizaram no espaço urbano.

*Palavras-chave:* Representações. Imigração. Catolicismo.

Historicamente ligada à atividade criatória, a cidade de Ponta Grossa surgiu às margens do Caminho do Viamão, o qual, a partir do século XVIII, cumpriu a finalidade de ligar São Paulo ao extremo sul do Brasil, servindo para passagem de animais levados do Rio Grande do Sul para a feira de Sorocaba. Os habitantes da região, a princípio dispersos em diversas fazendas, foram convergindo, no decorrer do século XIX, ao ponto central do território. A chegada da ferrovia, no final do mesmo século, contribuiu para a dinamização da cidade, pelo contato que estabeleceu com os grandes centros políticos e culturais do país. Podemos dizer que Ponta Grossa, sem perder seu tradicional aspecto campeiro, empenhou-se em ingressar no processo

<sup>\*</sup> Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

de modernização urbana do período. Esse “clima urbano” propiciou o surgimento de bandas musicais, teatros, cinemas, luz elétrica, associações beneficentes, hospital, jornais, etc.

Construída e “inventada” pela crônica jornalística e literária como cidade ordeira, moderna e progressista, Ponta Grossa se constituía em centro polarizador de migrantes nacionais e estrangeiros desde finais do século XIX. Em 1913, dizia Nestor Victor:

Pode-se dizer que Ponta Grossa é hoje uma cidade essencialmente cosmopolita [...]. Com a facilidade de comunicação que já temos, vae-se constituindo um núcleo composto de diferentes origens, quer nacionais, quer estrangeiras. Encontram-se aqui paranaenses de quase todas as localidades do Paraná, brasileiros do Sul e do Norte, alemães, syrios, italianos, suíços, franceses, polacos, hespanhóes, holandeses.<sup>1</sup>

Embora o texto represente a pluralidade étnica e a diversidade regional de forma acolhedora e cordial, a comunidade ponta-grossense olhava com preocupação as levadas de imigrantes que paulatinamente ocupavam novos espaços. Se, por um lado, configuravam um dos signos do Brasil moderno, por outro, simbolizavam o desconhecido, o ameaçador. Esses *outsiders*<sup>2</sup> poderiam trazer na bagagem tanto posturas políticas conflitantes com as locais quanto um sistema de crenças que, embora similar ao hegemônico católico, serviria mais e melhor aos interesses estrangeiros que aos da nação brasileira.

O período 1870-1914 assistiu a um grande movimento migratório de proveniência europeia em direção à Amé-

rica. As guerras de Unificação Italiana e Alemã, as questões étnicas e políticas na Europa central, a expansão do modelo industrial capitalista e a progressiva capitalização da terra, associados às epidemias e à fome, causaram graves problemas aos trabalhadores do campo e aos assalariados urbanos.<sup>3</sup> Conforme Wachowicz:

[...] o excesso de mão-de-obra proletária nas aldeias e vilas européias; o elevado índice de crescimento demográfico; a falta de terras para as novas gerações; a ausência de adequada legislação agrária; o êxodo rural para os centros industriais, os quais por sua vez já começavam a sentir os efeitos da mecanização e a conseqüente dispensa de mão-de-obra; e ainda perseguições políticas e religiosas, induziram o europeu a emigrar e estabelecer-se em países recém emancipados e quase despovoados da América, os quais, por sua vez, procuravam atrair estas populações descontentes para povoar seus imensos vazios demográficos.<sup>4</sup>

Até que a eclosão do primeiro conflito mundial interrompesse o fluxo migratório, a parte meridional do Brasil foi transformada em área receptora privilegiada, para onde afluíram numerosos contingentes oriundos de diversas regiões do território europeu.<sup>5</sup>

Os processos de imigração e colonização no território paranaense foram acompanhados por um conjunto de expectativas, tanto por parte dos que chegavam, confiantes na propaganda divulgada nas terras de origem, quanto pelas elites locais, que idealizavam o trabalhador europeu. Em ambos os casos, as experiências colonizadoras nem sempre corresponderam ao esperado, gerando conflitos entre as partes.<sup>6</sup>

A imigração no Paraná, assim como em outros estados do sul do Brasil, distinguiu-se da realizada nas grandes plantações de São Paulo, pois os estrangeiros aqui vieram na condição de pequenos proprietários de lavouras de subsistência. Além dessa atividade, supriram a carência de mão de obra nos serviços gerais e contribuíram para o povoamento dos vazios demográficos.

A imigração coincidiu com um projeto de mudança mais global do catolicismo e da Igreja do Brasil, ou seja, o projeto da romanização deste catolicismo. Assim, os imigrantes católicos acabam contribuindo seja para a afirmação da igreja tridentina e do catolicismo romanizado, seja para assegurar os vínculos de dependência cultural e econômica para com as nações da Europa. Nessa perspectiva, dos quatro grupos mais numerosos, pode-se dizer que poloneses, ucranianos (rito oriental) e italianos eram predominantemente católicos. No caso específico da imigração alemã,<sup>7</sup> esta não configurou como um processo homogêneo porque estava relacionada com elementos que apresentavam diferenças significativas, desde os que possuíam alguma instrução, com experiência profissional e bens pessoais, até simples lavradores, todos buscando, indubitavelmente, melhores condições de vida. Assim também no aspecto religioso: eram parcialmente católicos,<sup>8</sup> especialmente os oriundos da Baviera e de cantões católicos da Suíça, sendo a outra parte do contingente formada, em geral, por evangélicos de tradição luterana.

Os primeiros alemães que chegaram a Ponta Grossa, em geral, adotaram a prá-

tica do familismo, fruto das boas relações com a elite local e do capital econômico e social trazido da Europa, o que lhes possibilitou uma integração satisfatória na política, nas atividades culturais, nas sociabilidades e na economia.<sup>9</sup> Os anúncios veiculados por empresas e profissionais liberais nas páginas do jornal *O Progresso* mostravam a inserção de imigrantes no cenário econômico local. Dos 43 anúncios veiculados no ano de 1910, a maioria (29 anúncios) era de imigrantes e seus descendentes que atuavam na imprensa, na atividade fotográfica, nas áreas médica e jurídica, venda de secos e molhados, produção de alimentos, atividades industriais em geral e em diferentes ofícios, participando ativamente na dinâmica urbana. Em suma, integraram-se às vivências e sociabilidades das elites campeiras, podendo-se dizer que *outsider* não é simplesmente aquele que vem “de fora”, mas aquele que não compartilha do universo simbólico dos “estabelecidos” nem das suas categorias de percepção da realidade.

Outra leva migratória foi a dos alemães do Volga, também chamados “russos-alemães”,<sup>11</sup> que, a princípio, localizaram-se na colônia Octavio, subdividida em dezessete núcleos coloniais confessionais,<sup>12</sup> afastados do centro urbano, e presentes nos registros de casamentos, nascimentos e óbitos, arquivados na paróquia de Sant’Ana. Sua chegada posterior e seu direcionamento, a princípio, às atividades agrícolas, possivelmente, motivaram sua marginalização pelos “estabelecidos”, atitude que indicava como um grupo é capaz de monopolizar as oportunidades de poder

e utilizá-las para estigmatizar pessoas de outro grupo.<sup>13</sup> Desassistidos tecnicamente pelo governo, os desacertos na atividade reorientaram-nos à vida urbana, onde trabalharam especialmente no fabrico de banha e conservas, na indústria, no comércio, no funcionalismo público, etc.<sup>14</sup>

No final do século XIX os poloneses constituíram a corrente imigratória mais numerosa do Paraná. A possibilidade de possuir terras, trabalhar na agricultura e vivenciar livremente a religião católica foi forte motivação para deixar a Polônia, subjugada por estrangeiros desde 1772. A migração para o Paraná relacionou-se a situações de opressão e miséria em seu país de origem,<sup>15</sup> comuns à maior parte dos contingentes migratórios, experiência social rodeada “por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças”.<sup>16</sup> Segundo Baczkó, uma das respostas que uma coletividade dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais é a elaboração e consolidação de um imaginário social.<sup>17</sup> No caso, a construção de um imaginário religioso relacionado às terras paranaenses tornou-se “inteligível e comunicável através da produção de discursos, nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem”.<sup>18</sup>

As representações discursivas sobre uma terra fértil e generosa do outro lado do mar, à espera dos camponeses simples e sofridos da Polônia, foram referendadas pelos agentes da imigração e somaram-se às motivações de ordem material. Buscaram eles no Paraná, em particular nos

Campos Gerais, a concretização do sonho da “terra da promessa”.<sup>19</sup>

Sérgio Buarque de Hollanda, no prefácio do livro de Thomaz Davatz, assim comentou:

Durante a grande onda de emigração polonesa para o sul do Brasil nos anos que precederam a guerra de 1914-1918 surgiu, em certos distritos da Polônia, lenda de que nosso estado do Paraná acabara de ser descoberto, dissipando-se o denso nevoeiro que durante séculos o envolvia. Foi a Virgem Maria quem, compadecida da sorte dos camponeses da Polônia, lhes apontara a nova terra, dizendo que fossem povoá-la.<sup>20</sup>

Essa versão foi detalhada por Ruy Wachowicz:

Diz a lenda que o Paraná até então estava encoberto por névoas e que ninguém sabia de sua existência. Era a terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os sofridos apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigira, dispersou o nevoeiro e destinou-lhes o Paraná. Tal decisão da Virgem Maria havia sido comunicada ao Papa, o qual sensibilizado pelo destino da cristandade polonesa, convocou todos os reis e imperadores da terra para sortear a posse de tal território. Por três vezes consecutivas foi tirada a sorte, e sempre o papa era contemplado. Então o papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuisse essas terras aos poloneses, para que a tivessem à fatura e ali pudessem viver felizes, expandindo o seu cristianismo.<sup>21</sup>

Conforme Castoriadis, a religião, “[...] pedra angular da instituição da sociedade, veículo das significações últimas e garantia de todas as outras, [...] deve santificar, de um modo ou de outro, ao mesmo

tempo sua própria origem e a origem da instituição da sociedade da qual forma o núcleo”.<sup>22</sup>

Para o colono polonês, a fé católica estava associada à sua identidade nacional, não podendo, na sua visão de mundo, preservar uma sem preservar a outra. Até 1918, quando a Polônia ressurgiu no mapa das nações, os poloneses não tinham representantes consulares que pudessem estimular o esforço de preservação cultural. Assim, essa missão foi sendo exercida prioritariamente pelos clérigos ou pelos designados por autoridade eclesiástica.<sup>23</sup> No caso, a Igreja não era apenas o centro espiritual, mas a referência das sociabilidades étnicas: “A paróquia era o seu mundo, a única instituição com a qual estavam mais familiarizados, e de cuja vida participavam [...]. Fora do âmbito familiar a paróquia era o único grupo social organizado ao qual o camponês pertencia.”<sup>24</sup>

Por volta do ano de 1878, famílias de imigrantes poloneses estabeleceram-se na região de Ponta Grossa, organizando-se em colônias. Conforme Gluchowski,

[...] por volta de 1892 e mais tarde foram criadas na região de Ponta Grossa as colônias Eurídice – 23 colonos, Taquara – 125 colonos, Rio Verde – 78 colonos, Butuquara – 73 colonos, Itaiacoca – 48 colonos, Guaraúna – 140 colonos, Adelaide – 97 colonos, Floresta – 29 colonos [...]. Esses colonos foram propriamente instalados nas colônias abandonadas pelos alemães do Volga, fundadas já alguns anos antes.<sup>25</sup>

Estabelecidos nos arredores da cidade, empenharam-se em duas questões: a presença de um sacerdote que os ajudasse

a educar os filhos e a construção de uma igreja. Uma velha capela, construída em honra a São João Batista, no largo São João, atual praça Barão de Guaraúna, passou a ser o local de encontro da comunidade. Em 1896, com a chegada do sacerdote diocesano polonês Antonio Rymar,<sup>26</sup> foi feita uma petição à Prefeitura Municipal solicitando um terreno no mesmo local da antiga capela, cuja doação foi concretizada. Presume-se que esta já tinha sido demolida e, no seu lugar, construiu-se uma igreja consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja dos Polacos. O padre Rymar partilhava da identidade e do universo cultural dos colonos poloneses: sacerdote e conterrâneo, logicamente compreendia o significado da presença do agente religioso para esta comunidade.<sup>27</sup>

Pouco tempo depois, confiou-se a paróquia de Ponta Grossa aos padres verbitas,<sup>28</sup> de origem alemã, que trabalharam como coadjutores até 1906, quando a assumiram integralmente. Fundaram uma escola paroquial mista, que começou a funcionar com trinta alunos. A especificidade do trabalho educativo, somada à carência de sacerdotes na paróquia, levou-os a pedir auxílio às Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo,<sup>29</sup> com as quais partilhavam o mesmo fundador.

Os revdos. padres Luiz (sic) Berger e José Dillinger, já há um ano desejosos de obter o auxílio das Irmãs para a colaboração de seus trabalhos nesta cidade, procuravam aplainar os caminhos para as Irmãs, empenhando-se em afastar as maiores dificuldades. Estes padres já haviam fundado uma escola que já estava bastante freqüentada e a pretendiam entregar aos cuidados das nossas Irmãs.<sup>30</sup>

Até 1933, para o ramo feminino, e até 1934, para o masculino, a família de Arnaldo Janssen foi a primeira e única presença congregacional na cidade. Sua atuação, relatada nas respectivas crônicas, voltou-se especialmente ao atendimento espiritual dos imigrantes alemães e poloneses católicos nela já estabelecidos.

No processo migratório foram construídas representações sobre os que chegavam, cujas adjetivações oscilavam entre “laboriosos”, “morigerados”, “bem-sucedidos, apesar de sovinas”, virtudes em geral atribuídas aos alemães, embora, na época que antecedeu a Primeira Guerra, fossem substituídas por outras menos elogiosas. Outras representações de indivíduos e grupos considerados desprezíveis pelo segmento social dominante, tais como “indisciplinados”, “vagabundos”, “bêbados”, justificaram diferentes formas de repressão ou, mesmo, de exclusão social. Esse preconceito atingiu não apenas os poloneses, mas praticamente todos os imigrantes de outras nacionalidades e etnias, constantemente comparados com os alemães. As menores manifestações de desconforto e desalento perante a desorganização de diretores das colônias e dirigentes de serviços de imigração e colonização eram atribuídas, de forma negativa, ao atraso cultural e ao temperamento indisciplinado dos que chegavam.<sup>31</sup>

Outras questões, como reivindicações de escolas, estradas, arruamentos, templos, serviços religiosos, esbarravam nas diferentes “redes de significações” ou em “universos discursivos” distintos dos grupos em conflito, promovendo, em conse-

quência, formas e níveis de relações sociais bastante variados.

Pode-se dizer que toda e qualquer desavença nos países de origem era transferida ao país de adoção, integrada no cotidiano dos imigrantes como se estivessem na própria pátria: italianos do Norte e do Sul olhavam-se com estranheza e ambos hostilizavam os japoneses; alemães do Norte não gostavam dos alemães do Sul e ambos não aceitavam os poloneses.<sup>32</sup>

Na hostilização diária, antigos ódios transferidos para o Brasil se concretizavam em cenas menos contundentes, mas repletas de preconceito. Os poloneses eram vistos pelos alemães como sujeitos, ignorantes e preguiçosos, sobretudo em regiões como o Paraná, onde seu contato foi mais próximo. Por seu lado, os poloneses sentiam-se constrangidos em relação às outras etnias, reagindo com veemência aos que os apelidavam de “polacos sem bandeira”, posto que, na condição de imigrantes oriundos de uma pátria oprimida e brutalmente dividida, aportavam sem documentos da própria nacionalidade. A autoestima nacional só teria sido recuperada após o renascimento da Polônia, em 1918, quando apareceu no vocabulário brasileiro o gentílico “polonês”.

Em Ponta Grossa a situação não foi diferente. Os imigrantes poloneses, pelo imaginário assim construído, pela sua tradicional vivência religiosa e, possivelmente, por suas peculiaridades, foram envolvidos em confrontos, circunstâncias que se encarregaram de reforçar ou alterar o conceito da população local sobre eles. Desse processo não escaparam os sa-

cerdotes verbitas poloneses, que transitavam e oscilavam entre mundos por vezes contraditórios e em disputa: a congregação de origem alemã, os conterrâneos e a comunidade local, espiritualmente sob sua responsabilidade.

Um desses confrontos refere-se à substituição, em 1906, de um sacerdote que caíra no desagrado da comunidade, o padre Woloszewicz, por um novo, o padre Guilherme Thileczek, o primeiro padre verbita polonês no Brasil.<sup>33</sup> Pouco tempo depois, jornais curitibanos teriam noticiado que o substituto não falava o polonês “correto”, que seus paramentos traziam letras góticas e que isso provocara “veemente protesto geral”. O líder desta manifestação era o senhor Pinkowski, chamado na crônica de estaroste (algo como “maioral”), e que estava indignado por não ter sido consultado a respeito. Declarou publicamente que o novo sacerdote seria “liquidado a bala”.

Assim, no domingo pela uma hora da tarde, quando na igreja dos poloneses iria começar a reza com o Santíssimo exposto, a Rua 15 encheu-se de mulheres e crianças e homens também – todos poloneses. Juntaram-se para tirar o padre e o proteger do Pinkowski. Este, armado com seu revolver, dirigiu-se à Igreja dos poloneses. Aí, teve que se haver com as mulheres. Cercaram-no de todos os lados acotovelando-se, xingaram-no de cachorro e de outros títulos do repertório. Pinkowski defendia-se e revidava [...]. Enfim, as polonesas foram às vias de fato, abriram uma saraivada de cacos de telhas [...]. Pinkowski, aos trancos e barrancos, foi abrindo caminho, com as mãos foi protegendo a cabeça, e “pernas para que vos quero!” [...]. O padre nunca mais foi importunado.<sup>34</sup>

Conflitos como esse, que contribuía para confirmar a fama de arruaceiros dos poloneses perante a sociedade local, podem ser vistos como tentativas de manter a “pureza” da cultura ancestral: mesmo que o sacerdote tenha se proposto a atender esses fiéis, embora polonês, não falava fluentemente o idioma. O anterior, que não apresentava este problema específico, fora afastado. A comunidade entendia-se com o poder de decidir sobre a permanência ou o afastamento de seus sacerdotes, de acordo com seus padrões de sociabilidade e de defesa das formas de vivência da fé: polonidade e catolicidade confundiam-se, postura que causava estranhamento à população local.

Kazimierz Gluchowski, não obstante o tom oficialista do registro, percebeu os conflitos instalados:

Quanto ao aspecto religioso, os poloneses se concentram em volta da igreja do Sagrado Coração. Não existe uma paróquia independente; há apenas uma capelania polonesa, subordinada à paróquia brasileira, dirigida por verbitas alemães. Os poloneses são servidos atualmente por um verbita que fala mal o polonês. A respeito deste problemático *polonismo dos verbitas* e a respeito da liberdade da igreja travam-se ali há muito tempo, e continuam a surgir *sempre novas e exaltadas escaramuças*. O pároco dessa paróquia ou, melhor dizendo, dessa capelania polonesa, serve também aos poloneses espalhados no município e na região de Ponta Grossa onde há capelas.<sup>35</sup> (sem grifo no original).

Sem dúvida, as diferenças culturais entre os dois grupos de imigrantes e os moradores, além de alguns fatores externos, foram instâncias geradoras de conflitos

das mais diversas ordens em uma cidade há bem pouco povoada por elementos de origem lusa. Mesmo que dentre os sacerdotes verbitas, majoritariamente alemães a princípio, alguns padres poloneses tenham vindo para a “cura d’almas” da comunidade em questão, os conflitos interétnicos e comunitários muitas vezes se polarizaram, colocando-os em situação de berlinda, sozinhos que estavam no atendimento à única paróquia da cidade.

Essas tensões, longe de se restringir à cidade, podem ser situadas na querela anticlerical que se manifestara no Brasil a partir de 1890. Esse momento foi assinalado pela formação de ligas anticlericais que se manifestavam, sobretudo, pela publicação de jornais, revistas, panfletos. Além da Igreja Católica, fortaleceram-se agências religiosas dedicadas ao espiritismo, protestantismo e outras que passaram a ter veículos publicitários, a fim de tornar mais atuante e agressiva a sua ação de conquista de seguidores.<sup>36</sup>

Um episódio que se configurou em Ponta Grossa, em outubro de 1908, permitiu a percepção desse ambiente de confluência de diferentes projetos no Paraná e que se desdobrou pelo interior, possibilitando ao pesquisador múltiplas interpretações. Neste ano chegou à cidade o sacerdote verbita polonês Paulo Dziwisz, que “ficou auxiliando o padre Thileczek na igreja dos poloneses para ambientar-se, com a intenção de ser seu sucessor”.<sup>37</sup> Na crônica da congregação, em diversos momentos os verbitas externaram o alívio ao serem desligados do compromisso com os poloneses, ou a preocupação pelo seu início: “Aos

22.12.1911 de Curitiba chegou o padre Teodoro Drapiewski para assumir o lugar do padre Francisco Mehl na Igreja dos poloneses. Vai ser um trabalho nada leve. Em nome do Senhor!”<sup>38</sup>

O padre Paulo fora encarregado das aulas de catecismo na escola polonesa, dirigida pelas irmãs. Queixava-se de ser constantemente importunado por alunos da escola brasileira, igualmente dirigida por elas. Certa feita, o padre, irritado, foi ao colégio e castigou três meninos.<sup>39</sup> Os pais de dois deles reagiram com ameaças, querendo conhecer o “polaco” que agredira seus filhos. Atendendo aos pedidos do padre Lux,<sup>40</sup> por quem tinham grande consideração e que lhes pedira perdão em nome do padre Paulo, refluíram. Os padres consultaram um advogado, que imediatamente exigiu exame de corpo de delito, entrando em cena o médico Francisco Búrzio, renomado profissional italiano que acabara de chegar na cidade,<sup>41</sup> “materialista, mas pessoa ponderada e cordata, um intelectual profundo”.<sup>42</sup> O médico concluiu por lesão leve sem gravidade. Após algumas peripécias, o “bom”<sup>43</sup> padre Paulo Dziwisz foi enviado para o Espírito Santo, de onde tomou rumo ignorado.

No entanto, na cidade o caso foi adiante. A intimação para depor em juízo foi expedida e ainda em 1909 os jornais exigiam a presença do sacerdote. Mesmo ausente, o processo foi conduzido e, ao cabo, o padre foi condenado a 14 meses de cadeia. O dentista Virgolino Brasil,<sup>44</sup> na época redator de *O Progresso*, compôs um panfleto “virulento” sobre o caso, mas os proprietários (os irmãos Holzmann) proibiram a

publicação. Ofendido, renunciou à redação do jornal e imprimiu o libelo por sua conta, em forma de milhares de folhetos volantes. Distribuiu-os de casa em casa, na estação do trem, pelo estado afora, “chegando até São José dos Pinhais”.<sup>45</sup> O resultado foi que o jornal curitibano *O Diário da Tarde* não só publicou o panfleto como aproveitou o ensejo retomando temas caros ao movimento anticlerical, como o antijesuitismo, a Inquisição, os maus papas, etc. Assim relatou a crônica:

Para explorar o caso até a saciedade, Dr. Virgolino fez vir de Curitiba o malfadado e roxo anticlerical Professor ginásial Dario Velloso, igualmente colaborador do *Diário da Tarde*. Foi organizada uma arrasadora demonstração. Contrataram a banda de música dos negros, fazendo a desfilar noites a fio, frente às casas dos padres e das irmãs. A banda abriu o cortejo e vinha seguida pelo Dr. Virgolino, Dario Velloso e os da mesma claque ideológica. De todos os cantos acorria a molecada para gozar do espetáculo e colaborar na vaia. Dr. Virgolino pagou a cambada para fazer a assuada, para maior efeito. E o estribilho era: “Fora com os padres! Morram os padres!” Chiamavam os foguetes, estouravam as bombas, a música estridulava, assuada de selvagens. Em determinados pontos faziam parada e sucediam-se os discursos. Despejavam aí a sua sabença Dario Velloso, Dr. Virgolino e mais outros. O préstito todo durava uma hora. Isso foi a doce desforra para os heróis.<sup>46</sup>

Nos dias seguintes, no Teatro Sant’Ana e no cinema, seriam “retomados os temas Inquisição e confissão”, cujo efeito fora reforçado por discursos; foi criado o “Clube dos Terroristas”, cuja bandeira, confeccionada pela senhora Bianchi, fi-

cou dias exposta na vitrine da rua XV de Novembro; foram feitas diversas reuniões no Hotel Guzzoni; fundaram um jornal próprio “para extravasar todo seu ódio, despeito e aversão contra a Igreja”. Esse conflito, um verdadeiro “temporal” nas palavras do cronista, pode ser desdobrado em alguns aspectos.

Os pais dos meninos envolvidos, pelos sobrenomes, pertenciam à elite local. A forma como se dirigiram ao padre Paulo, um “polaco”, mostra o modo pelo qual esse grupo era percebido pela comunidade. Ainda que ambos os padres pertencessem à mesma congregação, os pais demonstraram respeito pelas palavras do padre Lux, que era alemão, mas era “amigo”. No entanto, o caso, além de ter ido parar na polícia, foi aos jornais, num momento em que proliferavam aqueles de orientação anticlerical<sup>47</sup> e que tinham por objetivo combater “reacionários ultramontanos, clericalismo rasteiro, contra enfim, todos os inimigos da Razão, da Ciência, do Progresso, da Justiça, da caridade, da Liberdade, da Família, da Pátria e da Humanidade”.<sup>48</sup>

Tal episódio mobilizou para o interior do Paraná o intelectual Dario Velloso, professor de História do Ginásio Paranaense, que desde finais do século XIX pertencia a “um pequeno mas ousado grupo de intelectuais opostos à Igreja”.<sup>49</sup> Aproveitando o momento, este grupo não deixou de marcar seu espaço, exatamente em Ponta Grossa, que tinha somente a Congregação do Verbo Divino e as Irmãs Servas do Espírito Santo como representantes das novas orientações da Igreja Católica. Ao divulgar de todas as formas possíveis a atitude do

padre “polaco”, passível inclusive de processo judicial, colocou toda a instituição no espaço do reacionarismo, da ignorância e da ameaça.<sup>50</sup>

A representação discursiva presente na crônica das Irmãs Servas do Espírito Santo, em cuja escola estudavam os meninos, compunha com a visão dos verbitas e localizava em Ponta Grossa uma questão nacional. O tom de mágoa e surpresa diante de ingratidão de um povo aparentemente acolhedor descartava qualquer crítica ao pivô imediato da discórdia:

Nesses dias ficamos conhecendo nossos verdadeiros amigos e nossos inimigos. Muitos daqueles que tínhamos apreciado como benfeitores, falavam abertamente contra nós e ajudavam na impressão de artigos, nas revistas, falando contra o clero e religiosos e, ao mesmo tempo, zombando e criticando nossa religião. Durante semanas o assunto de rua na cidade era o acontecido no Colégio. [...] éramos olhadas com desconfiança e desprezo. Gritavam que éramos irmãs sem coração, as quais não si deviam confiar os filhos. Falava-se publicamente que os padres e as irmãs deviam ser afastados da cidade, custasse o que custasse. Ainda ameaçavam-nos de dinamitarem nossas casas [...] caso não nos retirássemos voluntariamente de Ponta Grossa. Outros publicavam o cruel e grosseiro desejo de ver nossas cabeças cortadas.<sup>51</sup>

A “arrasadora demonstração”, com vaias, foguetes, banda, discursos, fundação de clube, ameaças, também foi registrada por elas:

[...] ouvimos musica e gritos selvagens. Já acostumadas com distúrbios e confusões semelhantes, pois morávamos perto do teatro, não nos perturbamos no início [...]. Ouvíamos os berros: “Guerra, guerra,

morte aos padres, morte às irmãs. Fora com eles, viva a maçonaria [...]” ficamos todas na capela, implorando a Deus o seu auxílio. Este não faltou. Felizmente [...] o grupo de uns 70 a 80 homens se afastou. Ouvimos dizer mais tarde que, na confusão, um grupo também de homens nossos amigos enfrentou os malvados revoltosos em nossa defeza.<sup>52</sup>

Aos poucos, os ânimos serenaram e com o número 3 do jornal “calou-se ele também, adormeceu e emudeceu para sempre”.

No entanto, os estranhamentos eram mútuos e dentro da própria congregação verbita os escravos eram vistos com reservas.

Nos meses de março e abril, Ponta Grossa foi inundada por uma *avalanche de imigrantes*, na maior parte *russo e poloneses*. Entre eles devia haver *elementos atrevidos e trapaceiros*. Quase diariamente a gente ouvia falar de arrombamentos nas noites anteriores. Em carroças teriam carregado o material que conseguiam roubar.<sup>53</sup> (sem grifo no original).

Quando o cronista menciona uma “avalanche de imigrantes”, referindo-se a “russo e poloneses”, e a possibilidade de trazer em seu meio “elementos atrevidos e trapaceiros”, sua “leitura” era pressentida pelos próprios imigrantes, que percebiam a rejeição e, por vezes de forma violenta, tentavam demarcar seu espaço de convivência e de crença, ameaçando “a bala”.

Essas diferenças culturais entre “nós” e os “outros” explicam, de certa forma, o “não sentir-se” imigrante por parte do padre Thileczek, mas o “ser católico”, portanto “universal”, e o alívio ao deixar o curato polonês, formado pelos “diferentes”.

Kazimierz Gluchowski assim resumiu o dilema dos verbitas:

[...] esses religiosos *ou eram alemães descidos que falavam um pouco o polonês, ou poloneses espiritualmente germanizados*, introduzindo um novo elemento de discórdia. Com efeito, o povo polonês, e mais tarde também a imprensa polonesa, começa a combatê-los com o lema “Fora com a *Hakata*” dentro da Igreja.<sup>54</sup>

Essas questões faziam apenas aflorar as tensões presentes na congregação, as diferentes demandas do período republicano, especialmente os debates sobre a questão imigratória no Brasil, a oscilante coexistência entre os já estabelecidos na sociedade local e as novas reivindicações dos que chegavam, fossem religiosas, fossem políticas. Pode-se dizer que os conflitos relatados entrelaçaram-se às questões que atravessavam a sociedade paranaense, opondo a esfera laica e a religiosa, embora ambas, na cidade, tivessem em comum as sociabilidades, as práticas educativas, a manutenção da ordem e a preocupação com a formação do verdadeiro cidadão, que era o católico.

Drunkers, rioters and misers:  
Catholic Church and immigrant  
imaginary on the beginning of 20th  
century – Ponta Grossa (PR)

## Abstract

The purpose of this article is to understand the different meanings of the immigrants' arrival in Ponta Grossa (PR) at the beginning of 20th century and the tensions among polish an ger-

man immigrant population, Catholic priests, specially the Divine Word Missionaries (SVD), and the local inhabitants. The speeches produced by these groups express the perceptions and the strangeness among cultural universes, which are, at the same time, distinguished and related to the urban space.

*Key words:* Representations. Immigration. Catholicism.

## Notas

- <sup>1</sup> VICTOR, N., 1996, p. 312.
- <sup>2</sup> Elias e Scotson utilizaram este termo para designar os não membros da “boa sociedade”, conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos que aqueles que uniam os *established*. Embora os *established* de Winston Parva fundamentassem sua distinção e poder no princípio da antiguidade, a percepção e o estranhamento que os naturais da cidade de Ponta Grossa tiveram em relação aos imigrantes podem ser comparados à estigmatização submetida pela “boa sociedade” aos *outsiders* da obra em questão. ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 7.
- <sup>3</sup> FAVARO, 2001, p. 20. Hobsbawm analisa a questão imigratória no quadro das amplas transformações na economia internacional, acelerada no decorrer do século XIX. Milhões de homens foram colocados em disponibilidade e não foram absorvidos pelo surto industrial urbano. Segundo o autor, migraram para não morrer de fome. HOBSBAWM, 1992.
- <sup>4</sup> WACHOWICZ, 1970, p. 118.
- <sup>5</sup> Estima-se que de 1829 a 1934 entraram no Paraná 100.252 indivíduos, assim distribuídos: 47.731 poloneses, 19.272 ucranianos, 13.319 alemães, 8.802 italianos, 2.469 franceses, 1.559 austríacos, 1.344 espanhóis, 1.330 russos, 1.019 ingleses, 1.006 suíços, 450 holandeses e outros. BALHANA, A., p. 393.
- <sup>6</sup> LAMB, 1997.
- <sup>7</sup> O Paraná recebeu principalmente imigrantes que anteriormente se haviam estabelecido em outras partes do Brasil. A primeira leva chegou a Rio Negro em 1829, seguida pela oriunda de D. Francisca (atual Joinville) em 1850; em 1877-78 aportaram os russos-alemães do Volga; entre

- 1908 e 1913 houve uma imigração alemã direta, que recomeçou depois de 1919. Cf. WILLEMS, 1980, p. 44.
- <sup>8</sup> WILLEMS, 1980, p. 336 et seq.
- <sup>9</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 123-128.
- <sup>10</sup> DITZEL, 2004, p. 45-46.
- <sup>11</sup> Embora sempre tenham ocorrido migrações estrangeiras espontâneas e esporádicas, o movimento migratório oficial só se verificou na década de 1870, quando o Paraná viu chegar um número significativo de alemães do Volga (dos 3.809 imigrantes que chegaram entre 1877 e 1878 no Paraná, 2.381 localizaram-se em Ponta Grossa). Cf. HOLZMANN, G., 1975, p. 20-21; PINTO; GONÇALVES, 1983, p. 111.
- <sup>12</sup> Núcleos de famílias católicas: Tavares Bastos, Tibagy, D. Luiza, Uvaranas, Rio Verde, Santa Rita, D. Adelaide, Trindade, Floresta; núcleos de famílias protestantes: Taquary, Moema, Eurídice, Santa Matilde, Botuquara, Itaiacoca, Guaraúna, Guarauninha (quadro organizado a partir dos dados das plantas das colônias e relatórios dos presidentes de província). PINTO; GONÇALVES, 1983, p. 111-113.
- <sup>13</sup> Cf. ELIAS, N.; SCOTSON, J. [loc. cit.].
- <sup>14</sup> A divisão entre os alemães estabelecidos em Ponta Grossa expressou-se na fundação de uma entidade associativa em 1896, o Clube Germânia, que integrou aqueles que detinham um capital oriundo do comércio ou da indústria. Os detentores de habilidades técnicas ou artesanais, chegados em levadas posteriores e de certa forma segregados, fundaram outra associação, o Clube Verde, que até os dias de hoje conserva essas características.
- <sup>15</sup> Muitos dos poloneses que vieram para o Brasil saíram da Posnânia, Pomerânia e Silésia, de uma Polônia dominada primeiramente pela Prússia e depois pela Alemanha. Os poloneses, além de perseguidos e mortos, sofreram outras represálias objetivando a sua desnacionalização: a germanização completa de suas escolas; a proibição, a partir de 1876, de se expressar em outro idioma que não fosse o alemão, inclusive em sermões e cânticos religiosos; a eliminação dos nomes poloneses das ruas, praças e quaisquer outros logradouros públicos. WACHOWICZ, 1970, p. 16 et seq.
- <sup>16</sup> BACZKO, 1985, p. 311.
- <sup>17</sup> Ibidem, p. 309.
- <sup>18</sup> Ibidem, p. 311.
- <sup>19</sup> A ideia de um Brasil afável, acolhedor, com uma natureza luxuriante, onde tudo se multiplicava à larga, divulgada por meio de canções e fábulas, estava presente no imaginário europeu do século XIX. Aquelas nada mais eram que a expressão da forma como viviam os homens e mulheres que as entoavam e da medida dos seus sonhos. No período migratório os que agenciavam essa mão de obra multiplicaram tais imagens, mesmo que não tenham sido seus criadores. O imaginário da abundância dos trópicos construído na Europa por inúmeros relatos de viajantes e descobridores a partir do século XVI fizera escola. ALVIM, 1998, p. 219.
- <sup>20</sup> HOLLANDA in DAVATZ, 1951, p. 9. Hollanda sintetizou o relato de William I. Thomas e Florian Znaniecki na obra *The Polish Peasant in Europe and America*.
- <sup>21</sup> WACHOWICZ, 1981, p. 44-45.
- <sup>22</sup> CASTORIADIS, 1985, p. 115.
- <sup>23</sup> AZZI, 1993, p. 88.
- <sup>24</sup> WACHOWICZ, 1970, p. 15.
- <sup>25</sup> GLUCHOWSKI, 2005, p. 34. Como primeiro cônsul da República da Polônia para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Gluchowski relatou suas impressões sobre o período que passara no Paraná. A obra, escrita em polonês, foi concluída em 1924.
- <sup>26</sup> O padre Antonio Rymar dedicou-se ao estudo da aerodinâmica e dos aviões, fabricando protótipos, alguns experimentados em Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul. Correspondia-se com Santos Dumont e com a Academia Francesa de Ciências, da qual recebeu medalha e diploma por suas teorias e descobertas. WACHOWICZ, 1970, p. 26. Na crônica da Congregação Verbo Divino, no entanto, essa atividade do padre Rymar não é mencionada.
- <sup>27</sup> A entrada no país de religiosos e ordens religiosas estrangeiros relacionou-se com a organização de paróquias de imigrantes e, de forma geral, acompanhavam a sua distribuição. Atuaram eles na assistência religiosa, no ensino, obras assistenciais e catequese. Além de possibilitar um revigoramento e um redirecionamento da vida religiosa da sociedade tradicional, os imigrantes e seus descendentes forneciam, em grande medida, contingentes às vocações religiosas. BALHANA; MACHADO; WESTPHALEN, 1969, p. 375.
- <sup>28</sup> O padre Arnaldo Janssen fundou três congregações: a Sociedade do Verbo Divino (1875), cujos padres dedicam-se ao trabalho de implantação das igrejas autóctones e ao anúncio do Evangelho; a Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo (1889), para a evangelização e catequese em escolas, hospitais e asilos; a Congregação das Irmãs Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (1896), dedicadas à vida con-

- templativa. Os padres verbitas iniciaram seus trabalhos na paróquia de Sant'Ana em 1903 e, por seu intermédio, a congregação feminina instalou-se na paróquia em 1905. FEDALTO, 1958, p. 280.
- <sup>29</sup> “Para maior garantia da ortodoxia doutrinária, as escolas paroquiais foram sendo confiadas em geral a institutos religiosos femininos. As freiras, por sua vez, atuavam sob a orientação direta do pároco”. AZZI, 1993, p. 73.
- <sup>30</sup> CRÔNICA DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO, 1905. Sobre essa congregação e a função romanizadora das escolas que fundou na cidade, cf. ZULIAN, 2005.
- <sup>31</sup> FAVARO, 2001, p. 22.
- <sup>32</sup> ALVIM, 1998, p. 269.
- <sup>33</sup> O padre Guilherme Maria Thileczek (ou Thiletzek), com a criação da Arquidiocese de Curitiba (1926), foi nomeado administrador apostólico da prelazia de Foz do Iguaçu, pela bula *Quum in Dies Numerus*. CHIQUIM, 2005, p. 212-213. CRÔNICA SVD, 1906, p. 9.
- <sup>34</sup> CRÔNICA SVD, 1906, p. 10.
- <sup>35</sup> GLUCHOWSKI, 2005, p. 68-69.
- <sup>36</sup> BALHANA, C., 1981, p. 16.
- <sup>37</sup> CRÔNICA SVD, 1908.
- <sup>38</sup> *Ibidem*, ano 1911.
- <sup>39</sup> Eram eles: João Ribas, Aginaldo Sampaio Ribas e Elias Miguel Nicolau.
- <sup>40</sup> O padre João Lux, educador e musicista, estava deixando a função de pároco de Sant'Ana para dedicar-se ao Colégio São Luiz. CRÔNICA SVD, 1908.
- <sup>41</sup> O médico Francisco Búrzio, o farmacêutico João Milasch e o enfermeiro Paulino Ferreira chegaram a Ponta Grossa em 6 de agosto de 1908. Dizendo-se ateu e socialista, a forte personalidade e as práticas humanitárias do médico lhe garantiam trânsito entre os mais diversos setores da sociedade local. Os três configuram, no imaginário local, a prática da saúde como missão.
- <sup>42</sup> CRÔNICA SVD, 1908.
- <sup>43</sup> Este adjetivo é bastante utilizado nas crônicas das duas congregações quando referido aos confrades, por isso o destaque.
- <sup>44</sup> O cirurgião-dentista Virgolino Brasil era genro do coronel Rodolfo Macedo Ribas. HOLZMANN, E., 2004, p. 269. Este possuía o mesmo sobrenome de dois dos meninos envolvidos.
- <sup>45</sup> CRÔNICA SVD, 1908.
- <sup>46</sup> *Idem*.
- <sup>47</sup> Em quase todo o Paraná nesse período foi grande a movimentação de jornais, particularmente dos anticlericais. Aparecem, inclusive, simultaneamente e em diferentes cidades, publicações com denominações e objetivos semelhantes e até idênticos. Um exemplo é o jornal *Anti-clerical*, órgão do Centro Anti-Clerical de Ponta Grossa que circulou na década de 1900, quase ao mesmo tempo em que começou a circular em São Paulo o jornal *Anti-clerical*, dirigido por Christovam Torres. BALHANA, C. A., 1981, p. 16. Os escritos anticlericais intensificaram-se após 1901, quando da fundação da Liga Anti-Clerical Paranaense, que editava trabalhos de autores vindos da comissão redatora da revista *Electra*. Esta registrou, entre 1901 e 1902, o surgimento de outras ligas anticlericais no Paraná, como em Rio Negro, Prudentópolis e Guarapuava. MARQUETTE, 1999, p. 46. Holzmann registra a existência de um Centro Anti-Clerical em Ponta Grossa em 1908 com um “órgão editado” por este centro. HOLZMANN, E., 2004, p. 271. É possível que se trate de O Escalpello (1908), criado, segundo Pilotto, pelo Centro Livre-Pensador e que contou com a colaboração de Teixeira Coelho, Gigi Damiani, Hugo dos Reis, Vicente Postiglione e Virgolino Brasil. PILOTTO, V. folheto.
- <sup>48</sup> *Electra*, n. 1, 1902, apud MARQUETTE, 1999, p. 46.
- <sup>49</sup> BALHANA, C., 1981, p. 65.
- <sup>50</sup> Os episódios mais tensos representados na crônica estavam, em geral, relacionados a dois temas: à origem estrangeira das congregações e aos ataques dos anticlericais, aí incluídos espíritas, maçons, ateus, livres-pensadores e outros “agentes do mal”. Em momento algum os métodos de evangelização, as diferenças culturais ou o relacionamento social com a população foram colocados em discussão: invariavelmente, o perigo e o erro eram externos e as “perseguições” atribuídas ao “inimigo”.
- <sup>51</sup> CRÔNICA DAS IRMÃS..., 1908.
- <sup>52</sup> *Idem*.
- <sup>53</sup> CRÔNICA SVD, 1908.
- <sup>54</sup> A *Hakata* era uma sociedade antipolonesa de nacionalistas alemães, fundada em 1894 na província de Poznan (n. a.) GLUCHOWSKI, 2005, p. 124.

## Referências

ALVIM, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: NOVAES, F.; SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3

- AZZI, R. O catolicismo de imigração. In: DREHER, M. (Org.). *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993.
- BACZKO, B. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- BALHANA, A. P. Quantitativo dos imigrantes entrados no Paraná. In: *Dicionário histórico-biográfico do estado do Paraná*. Curitiba: Chaim, 1991.
- BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *Alguns aspectos relativos aos estudos de imigração e colonização*. Separata do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo, 1969. p. 345-389.
- BALHANA, C. A. *Idéias em confronto*. Gráfico: Curitiba, 1981.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BUENO, W. L. Um olhar sobre a diferença: polacas ou polonesas em Curitiba. In: TRINDADE, E. C.; MARTINS, A. P. V. (Org.). *Mulheres na história: Paraná – Séculos 19 e 20*. Curitiba: UFPR, 1997. p. 27-41.
- CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da religião. In: *Os destinos do totalitarismo e outros escritos*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- CHIQUIM, C. A. *CNBB no Paraná e a história da evangelização*. Curitiba: Instituto Gaudium de Proteção à Vida, 2005.
- DITZEL, C. H. M. *Manifestações autoritárias*. O integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Tese (Doutorado em História) - UFSC, Florianópolis, 2004.
- CRÔNICA da SVD. Verbitas em Ponta Grossa e referências a mais lugares de 1903 a 1935. Manuscrito.
- DAVATZ, T. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. Tradução, prefácio e notas de Sérgio Buarque de Hollanda. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FEDALTO, P. *A arquidiocese de Curitiba na sua história*. Curitiba: [s. e.], 1958.
- GLUCHOWSKI, K. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Ed. histórica. Porto Alegre: Rodycz e Ordakowski Editores, 2005.
- FAVARO, C. E. Sobrevivendo em terra estranha: adaptar, adotar, renunciar (imigrantes da Europa Central no Rio Grande do Sul). *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, Curitiba: Braspol, ano III, n. 1, 2001.
- GARDOLINSKI, E. *Escolas da colonização polonesa no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educus/EST, 1977.
- HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HOLZMANN, E. *Cinco histórias convergentes*. Ponta Grossa: UEPG, 2004.
- HOLZMANN, G. et al. *Ponta Grossa*. Ed. histórica. Curitiba: Requião, 1975.
- LAMB, R. E. *Uma jornada civilizadora: imigração, conflito social e segurança pública na província do Paraná - 1867 a 1882*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- MARQUETTE, T. D. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- OLIVEIRA, R. C. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- PILOTTO, V. Ideais de ontem, da cidade sempre jovem – folheto
- PINTO, E. A.; GONÇALVES, M. A. C. *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*. Ponta Grossa: Kugler, 1983.

VICTOR, N. *A terra do futuro*. Impressões do Paraná. Original de 1913; 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

WACHOWICZ, R. C. Aspectos da imigração polonesa no Brasil. *Projeções* – Revista de estudos polono-brasileiros, Curitiba: Braspol, ano I, n. 1, 1999.

\_\_\_\_\_. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. Conjuntura emigratória polonesa no século XIX. *Anais da comunidade brasileiro-polonesa*. Curitiba: Superintendências das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, v. II, 1970.

ZULIAN, R. W. *Identidade e experiência: uma escola confessional na República Velha*. Curitiba: Champagnat, 2005.